

ARTE / ROLÊ NO BUZÃO LUIZ LEÃO

EDUARDA GONÇALVES ORIENTADORA

UFpel-leaojahan@gmail.com

UFpel-dudaeduarda.ufepel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo, apresento imagens e reflexões de vídeo arte oriundo de prospecção durante a ação artística coletiva intitulada “Arte/rolê no buzão” realizada pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPEL). Em fevereiro de 2017 e em junho de 2018, alguns membros do grupo percorreram as ruas e os bairros da cidade de Pelotas utilizando o transporte circular, para adentrar e observar locais da cidade que comumente não percorremos, com a intenção de atravessar as adversidades do centro e dos bairros e prospectá-los como mote da produção artística.

O movimento do deslocamento, como método de prospecção dos artistas encontra o pensamento da arquiteta e pesquisadora da UFBA Paola Bernstein, quando nos diz que: “Buscar uma experiência cada vez mais rara nas cidades contemporâneas: as práticas da errância urbana, ou seja as experiências erráticas da cidade realizadas pelos errantes” (2012, pág. 11). Sendo assim, a prática do deslocamento funcional das lidas rotineiras, geralmente não nos provoca atenção ao o percurso. Pode-se pensar então, na errância, como deslocar pelo deslocar, que nos fornece uma experiência singular com a cidade.

Nesse sentido, após entregar-me ao percurso, conduzido pelo ônibus, editei um vídeo das imagens captadas que gerou o vídeo Rolê no Buzão II.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza como parâmetros metodológicos as noções de pesquisa em poéticas visuais desenvolvidas por Sandra Rey (2002), para quem, o artista-pesquisador investiga o processo de instauração de seu trabalho plástico, assim como as questões teóricas suscitadas pela sua prática.

O grupo de pesquisa determinou o dia e horário em que todos se encontrariam na parada do ônibus interbairros, escolhendo assim um roteiro que percorreria a cidade em zonas centrais e periféricas. Os membros do grupo ingressaram no transporte coletivo, cada qual com seu dispositivo, alguns levaram materiais de desenho, outros utilizaram celular e máquina fotográfica para registrar o que viam.

Durante o trajeto do ônibus captei imagens e sons, buscando as possibilidades que a gravação em vídeo e a manipulação sonora podem permitir. Encontrar os atravessamentos que estas linguagens permitem, é o método que escolhi para registrar e comunicar as narrativas observadas no percurso do segundo deslocamento que realizamos para atravessar diferentes ruas da cidade. Sendo assim, durante todo o trajeto apontei minha câmera da janela do ônibus para a rua que se movimentava, onde então foram geradas 01 hora e 47 segundos de registro que resultaram em um vídeo de 04 min e 30 seg.

Na edição criei opacidades, recortei e sobrepos as imagens buscando indicar o que não poderia ser visto pelo olhar cotidiano das pessoas que usam esse transporte como meio para chegar a algum local. Já o áudio, foi criado partindo do som captado no percurso, pensando em seu desenvolvimento e interposição, realizei uma edição ao acaso, com o som em *off*, desligado e manipulei assim as ondas sonoras pensando no desenho gerado no programa de edição, e não na vibração sonora, ou seja, a partir do resultado visual dessa edição é que obtive o som que integra o vídeo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado deste deslocamento, foi produzido um vídeo, intitulado Arte/Rolê do Buzão II.



Frame do vídeo Rolê no Buzão II. Vídeo disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1kG0mHppQKfvG8RJmOVSo-uEbHJ0XeOzX>

Para este trabalho, onde o deslocamento é demonstrado pelas imagens e sons do vídeo, pretendo revelar por meio de uma edição singular a cidade de outra maneira. É importante destacar, a manipulação sonora, que é o termo utilizado para me referir a edição, descartando a ideia de música, porque o interesse central não está nas cifras e nos acordes melódicos da linguagem musical, mas na vibração de ondas sonoras que se espalham de maneira livre e caótica pelo espaço.

O deslocamento como prática artística nos possibilita poetizar o trajeto. Desde o início do século XX, artistas se deslocam, os dadaístas excursionavam por Paris para encontrar os terrenos baldios, os surrealistas deambulavam para encontrar o inconsciente da cidade, os artistas situacionistas propuseram o método da deriva para encontrar a cidade lúdica (CARERI, 2013). Isso posto, esses modos de se deslocar são referências artísticas para a proposição do grupo e a maneira como encontro meios para realizar o vídeo. Jacopo Crivelli (2012), refere-se aos deslocamentos artísticos atuais como *novas derivas*, uma vez que cada artista propõem um modo de se referir ao contexto em que se move atualmente.

Ao falar em novas derivas, o intuito é, portanto, enfatizar a maneira como as radicais mudanças sócio-políticas, ocorridas no período em que se centra a pesquisa, repercutiram na própria concepção das obras, para além da persistência de algumas premissas que poderíamos definir universais, mas também olhar para as derivas artísticas como ontologicamente novas, ou outras comparadas com a matriz situacionista. (CRIVELLI, 2012, pág. 09).

4. CONCLUSÕES

Como conclusão, posso pensar que a pesquisa que realizamos se mostrou pertinente quanto a sua metodologia, gerando a partir de diferentes conceitos sobre o deslocamento no meio urbano, possibilidades que deram partida para um processo de criação em arte.

A experiência errática, ou seja, aquelas realizadas pelos errantes como bem define Berstain (2012, pág.12), pode provocar uma alteração das relações do observador com seus percursos, revelar a invisibilidade do outro, o errante ao andar pela cidade se confronta com um outro ser, que está a provocar no caso da construção poética da arte contemporânea, uma expansão do espaço, como cita Francesco Careri – “Por meio do percurso diversos campos disciplinares tem realizado uma própria ‘expansão do campo’ (Rosalind Krauss), para confrontar-se com os próprios limites”. (2013, pg 31).

Sendo assim, a videoarte pode atravessar as estruturas de aço e concreto da arquitetura das cidades urbanas e apontar os espaços invisíveis, que não vemos para uma nova experiência nas relações das pessoas com seus percursos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERENSTEIN.P.J., Elogio aos Errantes, EDUFBA,2012.
CARERI, Francesco, Walkscapes, Editora G.Gili, 2013
CAGE J. De Segunda a Um ano, Editora Hucitec, São Paulo 1985.
REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais.
In: TESSLER, E; BRITES, B. (Org)). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.123-140
VISCANTI, Jacopo Crivelli, Novas Derivas, FAUUSP, São Paulo, 2012.